

CLÍNICA DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E PSICANÁLISE

Paulo Bueno

paulotbueno@hotmail.com

Mestre e doutorando em Psicologia Social (PUC-SP). Pesquisador do Núcleo Psicanálise e Sociedade (PUC-SP). Docente no Instituto Gerar.

Augusto Coaracy

augustocoaracy@gmail.com

Psicanalista atuante no coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt e coordenador da rede clínica do Instituto Gerar, em São Paulo. Possui experiência clínica na Atenção Básica do SUS, na praça pública e em consultório. Mestrado realizado na PUC/SP, abordando a interface entre psicanálise e saúde coletiva.

O Acompanhamento Terapêutico (AT) é uma prática. Ao partir de uma prática, que soma cerca de duas décadas de atuação e transmissão, Clarissa Metzger tece as malhas de seu novo livro: *Clínica do Acompanhamento Terapêutico e Psicanálise*. O campo de interlocuções em questão vem sendo enriquecido nos últimos anos com importantes publicações.

O texto da autora, entretanto, não é apenas um a mais, entre tantos. Diferencia-se ao não iniciar com a questão sobre “se é possível” a articulação entre os campos do acompanhamento terapêutico e da psicanálise. Isto é dado como certo de início, e o que lhe permite dar por finda a discussão é o momento histórico em que o livro vem à luz: se no começo da década de 1990, quando o pioneiro *A rua como espaço clínico* foi publicado, a problemática era colocada como uma questão, hoje é um fato facilmente observável a presença de acompanhantes terapêuticos psicanaliticamente orientados nas grandes cidades do país.

A autora faz uso de uma linguagem fluída e acessível na exposição de suas teses. Exemplifica, discute casos clínicos, retoma a história e esmiúça conceitos. Tal qualidade é de grande relevância em um tema de intersecção, pois acolhe, ao mesmo tempo, o psicanalista pouco versado no AT e o acompanhante terapêutico não orientado pela psicanálise. Este encontrará um rigoroso trabalho de articulação de alguns conceitos essenciais da psicanálise nos respectivos capítulos: *A questão do diagnóstico estrutural; Narcisismo e constituição do Eu; Constituição do sujeito: neurose e psicose; e Direção do tratamento na psicose: sintoma e sublimação*).

O primeiro vai se deparar nos capítulos iniciais com uma excelente introdução à história do AT e com questões atualíssimas que o campo enfrenta.

Logo na introdução, a autora retoma a história do AT na cidade de São Paulo, incluindo observações que não são meramente bibliográficas, mas sim biográficas. Pois o próprio percurso de Metzger se entrelaça à história desta prática na cidade: docente e supervisora no Instituto A’Casa, acompanhou as publicações, vivenciou as mudanças e participou dos Congressos e debates que animaram o campo nas últimas décadas. A autora segue os rastros da

alteração na denominação de “amigo qualificado” para “acompanhante terapêutico” na década de 1980, indicando que se operou uma virada ética, em que a prática do AT foi incluída de modo indissociável no tratamento do sujeito.

Aponta, assim, para importância histórica do “terapêutico” em relação ao “acompanhante”, que outrora “amigo”, não era tomado como protagonista no tratamento. Tais considerações contribuem para uma necessária relativização da crítica acerca da pertinência do uso do termo “terapêutico”, quando sabemos que se objetiva efeitos analíticos e giros discursivos num AT que seja psicanaliticamente orientado.

Nesta retomada histórica, há também uma importante referência (talvez a primeira em livro) ao Coletivo de AT's – iniciativa extra-institucional, organizada em 2013, que agregou diversos AT's da cidade, de variadas orientações teóricas e campos de atuação, com o objetivo de debater problemáticas ligadas ao referido campo. O Coletivo de AT's produziu um mapeamento da prática na grande São Paulo, que indicou a extensão dos lócus de atuação.

Esta extensão é contemplada no livro. No capítulo quatro, por exemplo, é tratado o tema da *Clínica do acompanhamento terapêutico na escola*. O título já deixa clara a posição de Metzger: o AT na escola faz clínica, ao menos aquele que é psicanaliticamente orientado. Tal posição não deve conduzir ao pensamento de que é vedado o auxílio na realização das tarefas, mas a compreensão de que auxiliar pontualmente em alguma tarefa é a escolha por uma intervenção que está inteiramente submetida à direção do tratamento.

A resposta imediata à demanda de aprendizagem caracteriza antes o acompanhante pedagógico do que o acompanhante terapêutico. A psicanálise, em sua teorização sobre a demanda do paciente, preocupou-se, desde Freud – em seus textos sobre o amor transferencial –, com o lugar em que o analista é colocado na transferência. Com Lacan – e sua definição de sujeito suposto saber – houve uma verticalização teórica para a compreensão do que se passa entre analista e analisando.

Metzger retoma tais formulações para pensar na demanda dirigida ao AT escolar, concluindo que se trata de um suposto saber incluir. A equipe da instituição educacional, ao se deparar com um aluno que se apresenta, no cotidiano escolar, como um enigma, muitas vezes supõe que alguém externo à escola e com uma formação outra deteria o saber sobre este sujeito. Por conseguinte, que seria capaz de executar aquilo em que ela fracassou: a inclusão. Desta operação, resulta uma desobrigação da escola de ter de se haver com seu não-saber. Daí a intervenção do AT escolar se estender à equipe, fazendo questão, convocando à elaboração de respostas, não assumindo o lugar de mestria no discurso. Do mesmo modo que não responde pelo sujeito, não deve responder pela escola.

Outra discussão contemplada por esse trabalho é sobre a formação do AT. Metzger traz uma interessante proposta que, além do tripé de formação analítica, inclui o estudo teórico em saúde mental, a inserção em dispositivos grupais que contribuam para a sustentação da prática e para a promoção de furos no saber. Nessa proposta formativa do AT, a autora introduz um operador conceitual: o desejo de acompanhar terapêuticamente, análogo ao desejo de analista.

O desejo do analista, sabemos, está intimamente conectado à ética da psicanálise. Da mesma forma que o analista não opera com seu desejo pessoal no ato analítico, tem-se um ato habitado pelo desejo de acompanhar terapêuticamente, possibilitando a emergência da pura diferença. Nota-se que o desejo de acompanhar terapêuticamente possui uma função no tratamento e não se confunde com o desejo imaginário de ser um acompanhante terapêutico. Há, naturalmente, um desejo singular do sujeito AT, mas este desejo é aquele de sustentação de uma função e de uma ética. Além desta importante articulação teórica, Metzger introduz a importância da prática, ao compreender que acompanhar terapêuticamente tem função formadora. Em suma, trata-se da mais completa proposta de formação de AT's em psicanálise que temos notícia.

Essa concepção de formação é pautada em sua orientação freudolacaniana. O AT não é definido por um fazer, tampouco pelo seu caráter itinerante, tal como é compreendida por alguns autores não psicanalistas. Tal compreensão se ancora no fato de que o AT nasceu como uma prática de extrema importância nos contextos de desinstitucionalização e desospitalização, uma prática caracterizada pelo acompanhamento do paciente nos espaços sociais extra-muros institucionais.

Esta característica, entende Metzger, deve ser mantida, o AT deve permanecer como aquele “de fora”. Ser de fora, entretanto, não significa estar fora da instituição, mas manter uma escuta singularizada, não institucionalizada. O AT se constrói a partir da ética analítica, da transferência e da escuta de um desejo singular, a partir do qual se edificará um projeto terapêutico. Neste projeto, pode estar incluída a saída, o fazer e o percorrer itinerante, mas pode ser também que o projeto não contemple tais atividades, pois as errâncias que marcam o AT são de outra ordem; são aquelas ligadas ao reposicionamento subjetivo do acompanhado.

O livro possui, ainda, outro mérito: o de introduzir a discussão da prática do AT nos casos de pacientes de estrutura neurótica. A hipótese é a seguinte: a clínica do AT na neurose pode funcionar como as entrevistas preliminares em uma análise. Neste tempo inicial de estabelecimento diagnóstico e transferencial, pode ocorrer a transformação da demanda de amor em demanda de análise. Operação que se faz a partir do momento em que o sujeito passa a interrogar-se sobre o sintoma e implicar-se em sua queixa. Ou seja, as intervenções iriam na direção da estruturação de uma questão analítica por parte do sujeito, este seria o momento de conclusão e consequente dissolução do dispositivo do AT, dando lugar a um processo analítico no dispositivo de consultório.

Por fim, gostaríamos de pôr em evidência o expediente utilizado de relatos de casos clínicos. A autora lança mão de vinhetas e relatos que contribuem para a transmissão clínica de suas articulações teóricas. Além de suas próprias experiências, são utilizadas, também, narrativas de supervisão. A introdução dessas narrativas enriquece em muito o texto, pois transmite algo daquilo que foi colocado como um pilar da formação: a supervisão. A transmissão de fragmentos da elaboração do grupo de supervisão não é sem efeitos no leitor. Entendemos que o uso deste expediente constitui uma posição ética e tal posição é bem-vinda em um tempo em que os relatos de casos se tornam cada vez mais raros nas publicações psicanalíticas.

Referências

Equipe de AT do Hospital-dia “A Casa” (org.). (1991). *A rua como espaço clínico: Acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Escuta.

Metzger, C. (2017). *Clínica do acompanhamento terapêutico e psicanálise*. São Paulo: Aller.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Bueno, P. ; Coaracy, A. (2020) Clínica do Acompanhamento Terapêutico e Psicanálise. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 12 (2), 65-72.

RECEBIDO: 15/04/2020
APROVADO:03/07/2020